



55º Grupo Escoteiro Morvan Dias Figueiredo

Utilidade Pública Municipal Lei 2152 de 22/10/2003
www.55morvan.com.br e-mail: 55morvan@55morvan.com.br
Santos



VALORES MORAIS
CONTIDOS NA PROMESSA
E NA LEI ESCOTEIRA

ESPÍRITO ESCOTEIRO

Em todas as épocas existiram no mundo pessoas que sempre procederam como se fossem Escoteiros!

Eram indivíduos que possuíam o que hoje os Escoteiros chamam de “Espírito Escoteiro”, praticando por força do hábito, todas as virtudes escoteiras: generosidade, altruísmo, bondade, cortesia, lealdade, verdade, responsabilidade, fraternidade, cumprimento do dever e outras tantas...

As histórias que se seguem, a grande maioria verdadeiras, são exemplos positivos que os jovens devem se inspirar.

Este Manual é um conjunto de pequenas histórias coletadas de vários livros e de vários autores cujo objetivo final é motivar a imaginação da criança e do jovem a se espelharem nos valores descritos.

É um magnífico recurso de formação cujo Escotista deve apresentar à sua seção, em atividades do tipo “Fogo de Conselho”, “Lamparada” (o minuto do chefe) ou nas reuniões normais em dias de chuva.

Podem ser simplesmente contadas e comentadas, ou representadas pelas Patrulhas, ou feitas em desenhos de quadrinhos ou mesmo no quadro negro com giz. Enfim, as apresentações ficarão melhores com a criatividade do Escotista. Cabe aos “contadores de histórias” darem ao ambiente, aquela atmosfera de aventura, desafio, emoção e mistério!

No final de cada história, sempre comentar e enaltecer os Valores Morais, comparando com a Promessa e com os artigos da Lei Escoteira!

Vocês podem ir acrescentando outras histórias, à medida que as encontrarem, e que reflitam o espírito deste Manual.

Espero que seja útil para vocês como foi para nós como Escoteiros e chefes, e que façam um bom proveito dessas histórias. Os jovens vão adorar!

Sempre Alerta Para Servir!

Elmer S. Pessoa – DCIM

Lenita A. Pessoa – DCIM

Santos/SP (1960) - 2013

“Ser Lobinho é iniciar a vida pelo caminho certo”! esp

HISTÓRIAS SOBRE VALORES MORAIS

- 01 . HEROÍSMO
- 02 . ABNEGAÇÃO
- 03 . DEVER
- 04 . CONSTÂNCIA E VALOR
- 05 . GENEROSIDADE
- 06 . CORTESIA
- 07 . CORAGEM
- 08 . ENERGIA
- 09 . RESPONSABILIDADE
- 10 . HONRA
- 11 . HONESTIDADE
- 12 . APERFEIÇOAMENTO
- 13 . INICIATIVA
- 14 . PATRIOTISMO
- 15 . HONESTIDADE ESCOTEIRA
- 16 . CIVISMO
- 17 . RESPEITO AS LEIS
- 18 . RELIGIOSIDADE
- 19 . TOLERÂNCIA
- 20 . BONDADE E ESPERANÇA
- 21 . BONDADE
- 22 . FAZENDO A DIFERENÇA
- 23 . HONESTIDADE
- 24 . IRMANDADE E FRATERNIDADE
- 25 . CUMPRIMENTO DO DEVER



Uma história, apesar de ter um valor principal, engloba em seu conteúdo outros valores morais, não menos importantes que o principal. O nome é apenas uma forma de classificação para uma rápida identificação.

01 – HEROÍSMO E DESPRENDIMENTO

Durante a “Grande Guerra” o Brasil, além de vários oficiais e médicos do exército, mandaram à zona de operações uma divisão constituída pôr dois cruzadores e cinco contratorpedeiros, afora alguns transportes, entre os quais o rebocador “Laurindo Pita”. O Laurindo, sob o comando de um oficial que muito honrou a marinha – Heitor Perdigão – desempenhou penosos serviços, numa atividade incansável de seu pessoal. Certa vez, achava-se atracado a um contratorpedeiro, descarregando minas de profundidade.

As minas de profundidade são bombas contra submarinos. Deixam-se cair na água e quando atingem certa profundidade, explodem, destruindo o submarino e tudo que esteja nas profundidades.

Pôr um descuido qualquer, ao passar de mão em mão para o contratorpedeiro, uma mina caiu ao mar. A impressão foi de atordoamento. Todos ficaram atônitos. Era o aniquilamento dos dois navios com todo o pessoal que neles se achavam. Só Deus podia salvá-los.

Foi quando se percebeu, sob o espanto geral, um homem despir a camisa e atirar-se ao mar atrás das borbulhas que, como um rastilho de morte, a mina deixara ao mergulhar.

O que iria fazer aquele louco? Numa rápida visão todos o compreenderam: ia salvá-los. Aquele homem, em vez de fugir do perigo, lançava-se resolutamente sobre ele, para salvar o seu navio e a vida dos seus camaradas.

Correram segundos de aflitiva ansiedade. Todos tinham os olhos pregados no lugar onde as ondas se haviam fechado sobre o corpo do marujo.

Afinal, ele surge!

É uma sombra vaga ainda que venha subindo, subindo, tornando-se cada vez mais nítida, até aflorar nas ondas. Apertada de encontro ao seu peito o herói trazia a mina!

Salvos! Correu um murmúrio pelos lábios daqueles homens ansiosos.

Um Hurrah! Vibrante coroou o heroico feito do companheiro só então reconhecido: era o marinheiro de primeira classe José de Souza Oliveira.

Fatigado, ofegante, saiu d’água, sobraçando o destruidor engenho.

Conseguiu apanhá-lo quase ao arrebentar...

Não fora a sua coragem, a sua decisão, seu espírito de amor à Pátria e aos companheiros, não fora a sua resistência física que lhe permitiu dar tão profundo mergulho, e o herói não teria salvado os companheiros nem os navios. O marinheiro Oliveira, modestamente, procurou furtar-se a todas as demonstrações e continuou ignorado e humilde a servir nas fileiras até terminar o seu tempo de serviço. Como prêmio, apenas uma citação.

02 – ABNEGAÇÃO

Existia em Pirapora, S. Paulo, um convento de padres. Usavam longos hábitos brancos. Eram em sua maioria alemães, homens grandes e fortes que sabiam aliar à vida santa que levavam uma atraente jovialidade.

Pôr volta de 1910 uma epidemia de varíola assolou a região.

Um pobre indivíduo que vivia segregado dos homens, metido numa tosca barraca onde fora ocultar o seu mau aspecto, viu-se atacado pela varíola. Na hora da agonia, pedido o socorro espiritual dos irmãos, foi designado para assisti-lo frei Oto, um dos mais alegres padres do convento.

O moribundo, vendo aproximar-se aquele homem tão corado e sadio, na sua alva túnica, teve um recuo consciencioso, como um receio de poluir com as suas carnes apodrecidas aquela vida de plena saúde.

Frei Oto compreendeu lhe o pensamento e chegando bem perto para ouvir-lhes as palavras fracas da última confissão, conservou-se assim por muito tempo, com o ouvido quase unido a boca descarnada do variolado.

E o homem morreu feliz, a sorrir para aquela bondade que foi o único afago que recebeu, ele que se habituara de muitos anos, a sofrer com o nojo de todos.

Frei Oto, que arriscara duplamente a sua vida para levar o conforto moral ao infeliz abandonado, teve como único prêmio, a alegria que devia ter lhe iluminado a alma pelo seu ato tão incomparável abnegação.

Deus, sempre justo e misericordioso, o protegeu como protege sempre os bons. Frei Oto, em contato com um portador de varíola, saiu ileso, continuando muitos anos a espalhar a sua bondade e alegria pelos que o cercavam.

03 – DEVER

Helvídio Prisco, um dos mais ilustres membros do senado romano, passava pôr ser hostil ao governo do Imperador Vespasiano.

Este lhe pediu um dia que não fosse ao senado.

“ - Tens o poder de me tirar as funções , respondeu Helvídio, mas enquanto eu for senador, irei ao senado! “ .

“ - Pois bem, podes ir, respondeu o soberano, mas cala-te : .

“ - Só me calarei, se não perguntares minha opinião”.

“ - Se falares, morrerás”.

“ - Disse alguma vez que era imortal ? Faremos ambos o que estiver em nossas mãos. “Tu me mandarás matar; e eu morrerei sem tremer”.

E efetivamente Helvídio demonstrou sua corajosa resistência, primeiro pela prisão e depois, pela morte!

04 – CONSTÂNCIA E VALOR

Dois anos após o início da guerra com o Paraguai, uma expedição brasileira, sob o comando do Coronel Carlos Camisão, invade pelo norte, o território inimigo. Depois de tomar o forte de Bela Vista, reconheceu o chefe que não era possível manter-se a posição. O abastecimento da tropa era impraticável. As tropas paraguaias, disseminadas, haviam destruído tudo quanto pudesse valer como alimento, e morto o gado, farto naquela região, com o qual contava o comando das forças brasileiras.

Só havia um recurso: a retirada.

E ela se iniciou. Foram trinta e cinco dias de uma marcha amargurada, verdadeira epopeia de sofrimento em que os nossos soldados, sob os ataques contínuos de todos os lados que lhes faziam os inimigos, muito mais fortes em número e material, sofrendo os horrores da fome, dizimados pela cólera, suportando o fogo abrasador do campo que o inimigo cruel incendiava a cada passo, deram provas de uma constância, disciplina e valor inestimável, não deixando abater pelo desânimo, embora fisicamente esgotados pelas privações.

Aparece então, como uma das figuras mais singulares dessa história, José Francisco Lopes, o “Guia Lopes”.

Invadindo o Brasil logo no começo da guerra, levaram os paraguaios, como prisioneiros, todos os sitiados daquelas regiões de Mato Grosso e entre esses a família de Lopes, que habitava um sossegado remanso onde possuía, o velho sertanejo, muito gado e fartos laranjais.

Quando se ofereceu a oportunidade de ir ao Paraguai com a coluna que vinha vingar a invasão, Lopes entregou seu corpo e bens ao serviço das forças expedicionárias brasileiras.

Lopes conhecia toda a região. Acostumado a viajar pela floresta, do Paraná ao Paraguai, passava longos períodos sem tomar água, alimentando-se de farinha e do que encontrava nas matas. Era um forte!

A este homem foi confiada a direção da expedição. Não poupou sacrifícios. No meio dos maiores horrores era sempre sereno, vencendo friamente o perigo. A confiança geral de que gozava junto aos soldados, dera-lhe uma posição de quase

ilimitada autoridade, salvando a tropa mais de uma vez, com sua coragem e lealdade.

Quase a atingir o fim da cruel jornada Lopes também é atacado pela cólera e vem a falecer.

Mas a expedição atingira um ponto a salvo do inimigo!

Sua jornada estava cumprida...

05 – GENEROSIDADE

Era uma noite negra de temporal.

O rebocador “Guarani ” com cinquenta homens de tripulação , entre os quais dezesseis Guardas-Marinha, sacudido impetuosamente pelas ondas revoltas, cumpria uma missão da esquadra.

O sino de bordo acabava de dar três horas da manhã. A tripulação dormia, exausta dos trabalhos do dia.

Repentinamente um choque violento desperta a todos. O navio abalroado em pleno costado submergia em poucos segundos... Todo aquele punhado de homens foram atirados ao sabor das vagas que rolavam com fúria, desfeitas em espuma branca. A noite estava negra e sentiam-se em volta os tubarões vorazes. O tempo não podia ser pior!

Não obstante, a disciplina, em presença da morte, foi perfeita. Nenhum ato de desespero. Dos 50 tripulantes 25 morreram, e todos corajosamente, como verdadeiros marinheiros.

Houve atos sublimes de desprendimento, mas a todos ultrapassou o de Alfredo Camarão, bravo Guarda Marinha.

Havia já uma hora que lutavam contra o mar. Alfredo, munido de um salva-vidas, vencia o mar quando alguém, reconhecendo-o pôr entre as trevas, pediu-lhe socorro. Alfredo aproxima-se e, arrancando de si a boia que lhe garantia a vida, passou-a, generosamente, ao companheiro.

Mais adiante o acaso fê-lo topar com uma tábua. Uma vez mais ainda, heroico, grandioso no seu desprendimento, o bravo Guarda-Marinha despojou-se do elemento de salvação para socorrer outro companheiro.

Desamparado, lutou até o amanhecer, quando chegou o já inesperado socorro, recolhendo-o extenuado mais ainda com vida.

06 – CORTESIA

Natal ! Os pequenos Escoteiros queriam que, em Inhaúma, aquele dia fosse de alegria par todos os lares.

Organizaram então, uma regata a vela para Escoteiros, com as canoas guarnecidas por um só tripulante.

Rápidos, velas enfunadas ao SE (sudeste) rijo, as canoas venciam distâncias. Na popa, remo e escota firmes nas mãos, vinham os Escoteiros.

A canoa de Mário Arteiro levava a dianteira a todas as demais, mas um rival, entretanto, seguia-o de perto...

Uma rajada de vento mais forte, um ligeiro descuido e a canoa que vinha em segundo lugar, emborca, lançando ao mar seu tripulante.

Numa rápida e hábil manobra, num gesto fidalgo de cortesia, Mário, esquecendo-se das glórias da vitória, abandonou a regata para ajudar o companheiro a retomar o seu barco.

Chegaram juntos ao final da competição e juntos aplaudiram o vencedor!

07 – CORAGEM

O medo é um sentimento nervoso e que todos o têm.

É muito conhecida a história do Condestável de Bourbon, valente marechal francês que, durante uma batalha, estando numa situação muito perigosa, com as balas zunindo em todas as direções, percebeu que tremia muito, de medo.

Dominando os nervos, dirigiu estas palavras ao seu próprio corpo:

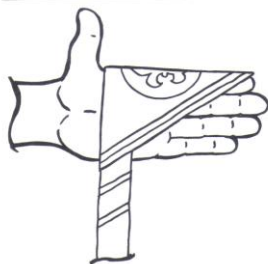
“- Treme carcaça, tremerias mais ainda se soubesses para onde vou te levar agora ”.

Tocando o cavalo, ele então, foi para um ponto mais perigoso ainda.

Valentes, corajosos, são aqueles que dominam os nervos, reagindo contra o medo.

Ter medo é uma reação normal do organismo, um ato de autodefesa.

A coragem está no domínio dos nervos, no controle das atitudes e na capacidade de raciocínio e não em não ter medo.



Obs. Como dobrar o lenço Escoteiro para ficar do tamanho proporcional de quem vai usa-lo.

08 – ENERGIA

Os espartanos tinham o culto à energia.

Certo dia andava um jovem espartano caçando num parque que não lhe pertencia, quando ao apanhar uma raposa viva, surge-lhe pela frente um dos guardas do parque.

Envergonhado ao ser surpreendido em tão grande falta, ocultou a raposa sob as suas vestes.

Enquanto respondia às perguntas do guarda, a raposa, achando incômodo o esconderijo, começou a espernear. O rapazinho, para contê-la, apertou-a junto a si e ela pôs-se furiosamente a mordê-lo, dilacerando-lhe a pele.

Sem dar o menor sinal de dor, o bravo espartano prosseguiu na conversa e não foi senão quando, exausto, já desfalecia, que o guarda percebeu o que se passava.

O Escoteiro é ainda melhor do que os espartanos pois não cometem atos proibidos, embora na sua vida, cheia de lutas e surpresas, também aprendem a suportar as privações, o cansaço e a dor.

09 – RESPONSABILIDADE

Pôr volta de 1950, saiu do Rio de Janeiro, com destino a Santos, o rebocador “Tristão” puxando uma chata à reboque. Levava carga e tinha como guarnição o Mestre José Cearense, que era o comandante e mais três homens.

Possuía o rebocador um pequeno bote, a dois remos, içado em turcos na popa, destinado a serviço do porto. Durante a viagem o comboio foi açoitado pôr forte temporal. As ondas arrebentavam com fragor nas proas das duas embarcações, cobrindo-as de espuma branca e ameaçando-as constantemente.

O cabo de reboque tesava com violência numa ameaça contínua de não resistir. Um embate mais forte o cabo partiu. Seguiram-se horas de hábeis e perigosas manobras, em que os valentes “lobos do mar” fizeram prodígios.

A operação foi repetida pôr mais 3 vezes e os cabos se partiam... Era inútil e imprudente o rebocador permanecer ali, junto a chata, sob tão forte temporal.

Como poderia o “Tristão” abandonar a chata com seus tripulantes? Era preciso recebê-los à bordo. Mas isso era irrealizável, provado em tentativas e falhas.

O rebocador teve que voltar ao Rio de Janeiro para pedir socorro.

Prontamente, sob o temporal, dois contratorpedeiros da marinha saíram à procura da chata. Durante dias consecutivos procuraram entre Santos e Rio, mesmo com o tempo já sereno, e não encontraram a chata. Já as esperanças de

salvamento começavam a desaparecer quando deu à costa, numa pequena cidade do litoral, o botezinho da chata, com os três homens da guarnição, semimortos.

“- E o mestre José? perguntaram as autoridades navais, que os receberam.

“- Não quis vir, pôr mais que insistíssemos com ele”. Havia lugar no bote para mais três tripulantes, mas mesmo assim não quis vir...

Uma grave suspeita instalou-se no espírito do oficial... Calou-se e ordenou o retorno às buscas, a gora com um tempo maravilhoso.

Dois dias depois entrava a chata à reboque e, firme no leme, com a maior calma deste mundo, o mestre José Cearense.

No porto, a ansiedade era grande. A notícia já se espalhara. E foi assim, sob os olhos de centenas de companheiros da vida do mar, que o mestre atracou sua chata ao trapiche. Levado imediatamente à Capitania dos Portos, o Capitão lhe perguntou, cheio de admiração, porque não havia deixado a chata, salvando-se com os outros? Mestre José, como quem estranhasse a pergunta, respondeu com natural dignidade:

“- Eu era o mestre da chata, como é que o Sr queria que eu a abandonasse?”

Um forte abraço do Capitão, homem seco, pouco afeito a expansões, deixou confuso, na sua rudeza, o bravo marinheiro.

10 – HONRA

Um soldado estava de guarda no Palácio do Governo.

Arrebatava uma revolta. Um numeroso bando perigosamente armados se aproximavam da casa da guarda. Era uma revolução...

“- Para traz “, exclama a sentinela.

“- Renda-se ou morrerá” , responderam os amotinados...

“- Enquanto tiver vida para defender o posto que me está confiado, hei de defendê-lo” , respondeu.

E, carregando seu fuzil, sustentou a luta com os muitos atacantes. Esgotada a munição, já coberto de feridas pôr onde o sangue jorrava aos borbotões, encostou-se à parede e ninguém passou.

Quando caiu exausto, morto, o socorro chegava e os inimigos então foram rechaçados. Pelo seu posto, não passaram!

Era sua honra de soldado que mandava que não abandonasse o posto.

Assim são os Escoteiros, disciplinados e cumpridores do seu dever.

11 – HONESTIDADE

Certa vez, hospedei-me em casa de um pobre velho que andava a passar fome e que, no entanto, altivamente, recusava gratificações e repelia gorjetas dos que pernoitavam em sua casa, velha fazenda arruinada, perdida ao meio de longo caminho, situada num ermo local. Quase um deserto.

Fora um homem rico e empobrecera com as secas.

Andava arrimado a um bastão, já pendido para o solo e, tudo parecia indicar que o haveria de receber em breve prazo.

A um canto do recinto, cinco ou seis carabinas de caça de carregar pela boca, lazarinas e clavinotes, rebrilhavam polidas e limpas.

Examinei-as cuidadosamente e com muito carinho e ofereci vinte mil reis pôr uma delas, impensadamente.

O velho olhou-me de frente e, com firmeza, disse-me que não a podia vender, porque nenhuma daquelas armas eram suas.

Em 1888 alguns retirantes que haviam passado por lá, lhes haviam dada para guardar e que depois, passariam para pegá-las.

Tinham ido para o Amazonas e nunca mais soubera notícias deles.

Elas estavam ali esperando pôr eles, quando voltassem.

Foram entregues a ele em confiança, para guardá-las.

Não eram suas e, portanto, não podia vendê-las.

12 – APERFEIÇOAMENTO

Franklin tinha na sua mocidade grande propensão para ser vicioso. Entretanto, à força de se vigiar e reprimir tornou-se o mais sábio e virtuoso dos homens. Sabia quanto vale fazer diariamente um exame de consciência de suas ações.

“Que faz o negociante enriquecer? Perguntava. Faz a conta exata de suas despesas e lucros. Que deve fazer o homem que se queira aperfeiçoar? Cada manhã e cada noite deve estudar o estado de sua alma; perguntar-se em que pecou, em que se tornou melhor”.

Para melhor efeito desse exame diário, Franklin imaginou ter um pequeno caderno em que todos os dias marcasse com um risco negro cada falta cometida, cada erro relativo a uma virtude qualquer que desejasse adquirir.

Assim, podia verificar os esforços que precisava fazer e as tentações que precisava evitar.

Pouco a pouco os pontos negros desapareceram do caderno de Franklin, e as páginas do livro ficaram brancas e a sua alma, inteiramente pura.

13 – INICIATIVA

Há alguns anos atrás se achava a pequena ilha de Cuba agitada pôr uma violenta revolução. O governo dos Estados Unidos, pôr questões políticas não era alheio a esse movimento. O presidente americano Mac Kinley, precisava enviar secretamente uma importante mensagem a Garcia, chefe dos rebeldes cubanos, mas não encontrava um meio de fazer com segurança, pois as tropas inimigas eram valorosas e a região a atravessar era selvagem e de difícil acesso. Comentando essa dificuldade com os seus conselheiros, um deles lhe disse que conhecia um rapaz chamado Rowan que lhe parecia homem para todas as dificuldades e bem poderia resolver essa missão.

Chamaram-no e o presidente explicou o que o interesse do país exigia dele e entregando-lhe a mensagem, perguntou: “- És capaz de levá-la ao destino? “

O jovem respondeu, modestamente, mas com uma resolução na qual se antevia o sucesso: “- Experimentarei “, e pediu permissão para retirar-se.

Passaram-se algumas semanas e um belo dia Rowan reaparece diante do presidente: “- Vossa mensagem foi entregue. Eis a resposta que Garcia vos manda”. Não é preciso dizer que Mac Kinley, admirado pôr tanta sobriedade e decisão, pediu-lhe que explicasse de que maneira conseguiria desempenhar-se de tão difícil missão.

Ele contou então que tinha alugado um barco, navegado durante alguns dias e abordado à costa cubana, embrenhou-se na mata. Três semanas depois chegava do outro lado da ilha. Depois de atravessar a linha inimiga, descobriu Garcia e entregou-lhe a carta.

Esse jovem era um verdadeiro Escoteiro, e é assim que um escoteiro cumpre as ordens que lhe dão. Pôr mais difícil que pareça recebe-a com um sorriso.

Quanto mais enrascada for a missão, tanto mais interessante a tarefa.

A maioria dos jovens teria feito uma série de perguntas: como partir, como atingir o ponto indicado, como obter alimentação? , e mil coisas mais.

Não foi isso que Rowan fez. Sabendo o que esperavam dele, executou a sua missão sem uma pergunta.

14 – PATRIOTISMO

Deve ser conhecido de todos os filhos do Brasil o nome deste grande patriota, que um feito simples, mas extraordinariamente significativo, imortalizou.

Antônio João Ribeiro era tenente de cavalaria, comandante da colônia militar de Dourados, na província de Mato Grosso.

Sabendo que um exército paraguaio havia invadido o nosso território, onde encontrara a heroica resistência do forte de Coimbra, formou a sua pequena força, que se compunha apenas de 16 homens e, escolhendo entre eles o que mais confiança lhe inspirava, entregou-lhe um bilhete e ordenou que fosse entregar a toda pressa ao coronel Dias da Silva, comandante do regimento de cavalaria da província.

O bilhete, que não foi entregue ao destinatário, pôr ter caído prisioneiro o seu portador, era assim redigido:

“- Sei que morro; mas meu sangue e de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria”.

Em seguida, mandou prevenir os habitantes da colônia, do perigo que os ameaçava. Fugiram estes, em número de oitenta e tantos, quase todos velhos, mulheres e crianças. Só ficou o bravo Antônio João, à frente dos seus quinze dedicados companheiros.

No dia 29 de dezembro de 1864, vinte e quatro horas apenas depois da fuga dos habitantes, apresentou-se o coronel Urbietta que, comandando 250 paraguaios, intimou Antônio João a entregar a colônia de Dourados.

O herói perguntou-lhe:

“- Traz ordem do governo do Brasil para que eu me renda ou entregue a praça? “.

“- Não, - respondeu o coronel – mas trago 250 homens para tomá-la pelas armas”.

“- Então, meus senhores, retirem-se, porque eu só recebo ordens dos meus superiores”.

E, voltando-se para seus soldados, bradou:

“- Preparar! Apontar! Fogo”!

A essa descarga de 15 tiros respondeu uma descarga de 250. E outra, até que cessou a fuzilaria, pôr não haver quem pudesse mais responder...

Os paraguaios entraram na colônia, onde encontraram estendidos em linha 16 cadáveres de militares brasileiros.

15 – HONESTIDADE ESCOTEIRA

Num dos primeiros dias do mês a atividade desenvolvia-se intensa num dos mais fortes bancos estrangeiros desta capital.

Os empregados não tinham descanso, sucediam-se os cheques de cinquenta, cem, duzentos e tantos mil reais.

No meio de todas aquelas centenas de reais aparece um pequeno cheque de cem reais, apresentado por um jovem. O papel segue o percurso, e logo a seguir o jovem, em pé junto ao caixa, aguarda sua vez.

Forte, olhar franco, ar jovial, ele acompanha admirado a presteza com que o pagador empilha notas e notas diante do caixa.

“- Cheque de cem mil reais, fala o caixa, empurrando o dinheiro para fora do guichê e, dirigindo-se ao jovem diz “- Tenha bondade de conferir, pois estamos com muito serviço e o dinheiro não foi conferido””“.

E, voltando-se para outro lado, começou a contar um novo pagamento.

Um sorriso amigo e franco aflorou aos lábios do jovem que, com um gesto de braço idêntico ao do caixa, tornou a empurrar para o interior do guichê o grosso pacote de dinheiro.

O empregado suspendeu o trabalho: “- Não está certo?

“ – Deve estar, mas não é meu. O meu cheque é apenas de cem reais...

E, recebendo o seu dinheiro, foi-se embora apressadamente, para escapar dos agradecimentos do funcionário do banco.

Com um olhar agradecido o pagador considerava o abismo em que quase se despencara, mas onde o salvara a honestidade daquele moço simples e humilde, como quem acabava de praticar o ato mais natural desta vida.

Alguém assistiu à cena e impressionou-se. Havia um mistério a decifrar...

Não lhe foi difícil descobrir: na lapela do paletó do jovem havia uma “Flor de Lis”. Ele era um Escoteiro!

16 – CIVISMO

Eles sabem que eu sou pobre e acreditaram que também seria vil!

Ofereceram-me dinheiro pelo meu voto, meus meninos, sim, pelo meu voto!

Uma vergonha!

Que a vergonha cubra os homens que quiseram comprar a minha consciência!

Meu voto... Mas meu voto não é meu, para que o transforme em mercadoria e me aproveite dele!

Devo meu voto à minha pátria! Votarei, não nos mais ricos, porém nos mais honrados e nos mais dignos.

O bem comum deve ter prioridade sobre os interesses próprios.

Nunca usaremos nosso voto para nos beneficiar diretamente, aceitando suborno ou vantagens pessoais, visando progresso individual.

Este é o dever de todo o bom cidadão, meus jovens!

17 – RESPEITO À LEI

O bom cidadão obedece à lei pôr patriotismo e respeito.

Obedece a todas as suas prescrições, embora esteja certo de que sua desobediência não cause mal ou fique ignorada.

Obedece de boa vontade, com alegria, como um filho obedece aos pais.

A lei é tanto mais respeitável nos países livres quanto mais foi discutida e votada pôr assembleias eleitas.

Se cada cidadão elegeu os seus representantes e estes, pôr sua vez votaram a lei, obedecendo-lhe, ele obedece de certa maneira, a si mesmo.

É necessário abafar a injustiça com mais vigor do que a um incêndio, e que o cidadão devia combater pela lei com o pela pátria.

Não se pode esquecer que o cidadão tem direitos, porém também tem deveres e obrigações e que o direito dele termina quando começa o direito de seu semelhante.

As leis determinam a conduta, o comportamento e devem vir em benefício de todos.

Pedrinho sempre apressado, achava ruim quando chegava ao farol e ele estava vermelho, fazendo-o esperar o verde para atravessar a rua. Sua mãe sempre o recomendava e ele aborrecidamente acatava, mesmo sem concordar, achando uma “perda de tempo” e pensava: “- Se todos cruzassem a rua contando com sua esperteza e agilidade, chegariam mais rápido ao seu destino e assim poderiam brincar pôr mais alguns minutos. Sim, estou decidido: quando crescer e for prefeito, vou mandar tirar todos os faróis da cidade”.

Um dia, sua mãe foi buscá-lo na escola e levou seu cachorrinho junto, para sua alegria.

Neste dia, seguindo a rotina, pararam no farol, obedecendo a lei e Pedrinho, para não fugir ao costume, reclamava junto à sua mãe. Neste minuto de descuido, Duque escapou e correndo, atravessou a rua. No meio do trânsito, perdido entre os automóveis que freavam repentinamente, Duque estava para ser atropelado. Pedrinho ficou aterrorizado, rezando para que ele não fosse atropelado, que no final conseguiu retornar a calçada ileso.

Desta forma, Pedrinho, de um modo muito difícil, aprendeu que cumprir as leis é importante e tem sua razão de existir.

18 – RELIGIOSIDADE

Os antigos Cavaleiros, Escoteiros da nação em sua época eram muito religiosos. Assistiam com fervor às cerimônias religiosas, mormente antes de partir para uma missão ou empreender alguma expedição difícil.

Tinham em si que era necessário estar sempre preparado para afrontar a morte. Pode-se ver, ainda hoje, na grande Igreja de Malta, o lugar onde oravam os antigos cavaleiros.

Perfilavam-se, a espada nua, enquanto o credo era lido, para mostrar que sua espada e sua vida estavam prontas para defender o evangelho.

Adoravam a Deus, não somente na Igreja, mas também nas suas criaturas: a natureza, os animais, as plantas.

Hoje em dia é assim entre os Escoteiros. Onde quer que estejam, amam as florestas, as montanhas e os prados. Observam os animais que aí vivem e as maravilhas das flores e das plantas que aí se encontram.

Nenhum homem pode ser útil a si mesmo e aos outros, se não crê em Deus e não obedece às suas leis. É necessário, pois, que cada Escoteiro tenha uma religião.

Quem lê “Escotismo Para Rapazes” com a atenção devida sentirá que a religião constitui a própria base do Movimento Escoteiro, dando-lhe um sentimento religioso para toda a vida de todos os dias e não apenas uma religião para os domingos.

Se estiveres realmente disposto a abrir teu caminho a criar a tua felicidade, deves dar à tua vida uma base religiosa.

Não se trata apenas de ir à Igreja, conhecer a Bíblia ou entender de teologia.

Muitos homens são religiosos quase sem entenderem de religião e sem haverem estudado. A religião é o caminho que leva a Deus e naturalmente são muitos estes caminhos. O respeito a todas as religiões são conceitos que devem ser observados, aceitando a todos aqueles que professam religiões diferentes da nossa.

19 – TOLERÂNCIA

Após um combate, na grande guerra, um padre católico francês socorre dois feridos.

“- Você é católico?” pergunta um deles.

“- Não. Sou protestante”.

“- E você? , dirigindo-se ao outro.

“- Sou judeu”, foi a resposta.

“- Está bem. Fazemos juntos as nossas orações, cada um à sua maneira.

As religiões são muitas. Deus é um só.

Sei de dois sacerdotes que eram íntimos amigos e viviam sempre juntos.

Um dia, alguém sabendo que um era católico e o outro protestante, mostrou estranheza pôr vê-los se entenderem tão bem.

“- Porque? “ exclamaram os dois religiosos. Porque a diferença das religiões vai impedir que sejamos amigos?

Entre Escoteiros:

Existem Escoteiros católicos, protestantes, messiânicos, mórmons, judeus, etc.

E nas atividades em que participam, trabalham juntos, jogam juntos, acampam juntos e divertem-se juntos. Isto porque os objetivos são os mesmos. A Lei e a Promessa é a mesma para todos, favorecendo a tolerância.

Faz parte da grande Fraternidade Mundial dos Escoteiros a convivência com membros de outras raças, idiomas, países, forma de governo, posição social e tantas outras diferenças existentes.

20 – BONDADE E ESPERANÇA

Havia dois pacientes internados em um hospital no mesmo quarto. Um jovem e um velho, ambos repousando e procurando se recuperar de recentes cirurgias.

O mais velho ficava próximo à janela e, sabendo da impossibilidade de seu colega caminhar, bondosamente relatava tudo que via através do vidro.

Contava que havia crianças brincando felizes em uma praça cheia de árvores. Relatava as cores das plantas e estimulava a memória de seu companheiro, o fazendo relembrar o perfume das flores e a beleza dos pássaros. Falava do brilho do sol batendo nos carros e provocava o enfermo descrevendo os longos beijos dos casais apaixonados que ali se encontravam.

A noite descrevia o brilho das estrelas e a claridade do luar. Dava esperança ao companheiro quando falava da alegria dos velhinhos que na praça disputavam longas partidas de damas ou, simplesmente, observavam de perto todo o movimento.

Com as histórias e os relatos, o jovem rapaz gradualmente ia se recuperando, pois se observava diariamente nele uma crescente esperança de viver e poder participar destas belas e pequenas coisas que na verdade nunca dera valor.

Certo dia o jovem paciente acordou e ansiosamente olhou para a cama de seu amigo que ficava perto da janela, pronto para perguntar como estava lá fora. Para sua surpresa, seu companheiro não estava ali. Instantes depois, a enfermeira entrou no quarto e informou-lhe que o velho havia falecido durante a noite.

Desconsolado e triste, o rapaz fez um grande esforço e levantou. Em pé, caminhou até a janela. Ficou perplexo com o que viu:

A janela ficava de frente para uma parede cinza da cor do concreto. Não havia praça, nem crianças brincando, nem flores, nem pássaros. Não havia nada além da parede cinza...

Então, segurando o choro, fechou os olhos e viu onde sua imaginação poderia leva-lo e, através da lembrança dos relatos do seu amigo, viu o sol, as flores e o luar. Viu ainda o sorriso no rosto das crianças brincando e o olhar de satisfação dos velhinhos.

Ele agradeceu e orou pelo seu falecido companheiro, que conseguiu manter nele o espírito elevado e a esperança de viver.

21 - BONDADE

Dois homens, seriamente doentes, ocupavam o mesmo quarto em um hospital.

Um deles ficava sentado em sua cama por uma hora todas as tardes para conseguir drenar o líquido de seus pulmões. Sua cama ficava próxima da única janela existente no quarto. O outro homem era obrigado a ficar deitado de bruços sem sua cama por todo o tempo. Conversavam muito. Falavam sobre suas mulheres e suas famílias, suas casas, seus empregos, seus amigos, onde pretendiam ir quando saíssem do hospital...

Toda tarde, quando o homem perto da janela podia sentar-se, ele passava todo o tempo descrevendo ao seu companheiro todas as coisas que ele podia ver através da janela.

O homem na outra cama começou a esperar por esse período onde seu mundo era ampliado e animado pelas descrições do companheiro. Ele dizia que da janela dava prá ver um parque com um lago bem grande, patos e cisnes brincavam na água enquanto as crianças navegavam seus pequenos barcos, jovens namorados andavam de mãos dadas no meio das flores e estas possuíam todas as cortes do arco-íris. Grandes e velhas árvores, muito frondosas, e o céu muito azul, estavam repletos de pássaros.

Quando o homem perto da janela fazia suas descrições, ele o fazia de modo primoroso e delicado, com detalhes e o outro homem fechava os olhos e imaginava a cena pitoresca, com muita alegria.

Uma tarde quente, o homem perto da janela descreveu que havia um desfile na rua e embora ele não pudesse escutar a música, ele podia ver e descrever tudo.

Dias e semanas se passaram desta forma. Um descrevendo e o outro sonhando...

Em uma manhã a enfermeira do dia chegou trazendo água para o banho dos dois homens, mas achou um deles morto. O homem perto da janela morreu pacificamente durante o sono profundo. Ela estava entristecida e chamou os atendentes para levarem o corpo embora.

Assim que julgou conveniente, o outro homem pediu à enfermeira que mudasse a sua cama para perto da janela. A enfermeira ficou feliz em poder fazer este favor para o homem e depois de verificar que ele estava confortável o deixou sozinho no quarto.

Vagarosamente, pacientemente, ele apoiou em seu cotovelo para conseguir olhar pela primeira vez pela janela. Finalmente, ele poderia ver por si mesmo. Ele se esticou ao máximo, lutando contra a dor para poder olhar através da janela, e quando conseguiu fazê-lo, deparou-se com um muro branco. Ele então perguntou à enfermeira o que teria levado seu companheiro a descrever-lhe coisas tão belas todos os dias, se pela janela só dava para ver um muro branco?

A enfermeira respondeu que aquele homem era cego e não poderia ver nada mesmo que quisesse. Talvez, ela respondeu que aquele homem só tivesse pensando em distraí-lo e alegrá-lo um pouco mais com suas histórias.

“Há uma grande alegria em fazer outras pessoas felizes, independente da nossa situação”. Dividir problemas e pesares é ter metade de uma aflição, mas a felicidade quando compartilhada, é ter o dobro da felicidade!

(autor desconhecido)

22 - FAZENDO A DIFERENÇA

Relata a Sra. Teresa, que no seu primeiro dia de aula parou em frente aos seus alunos da quinta série primária e, como todos os demais professores, lhes disse que gostava de todos por igual.

No entanto, ela sabia que isto era quase impossível, já que na primeira fila estava sentado um pequeno garoto chamado Ricardo. A professora havia observado que ele não se dava bem com os colegas de classe e muitas vezes suas roupas estavam sujas e cheiravam mal.

Houve até momentos em que ela sentia prazer em lhe dar notas vermelhas ao corrigir suas provas e trabalhos.

Ao iniciar o ano letivo, era solicitado a cada professor que lesse com atenção a ficha escolar dos alunos, para tomar conhecimento das anotações feitas em cada ano.

A Sra. Teresa deixou a ficha de Ricardo por último. Mas quando a leu foi grande a sua surpresa. A professora do primeiro ano escolar de Ricardo havia anotado o seguinte: Ricardo é um menino brilhante e simpático.

Seus trabalhos sempre estão em ordem e muito nítidos. Tem bons modos e é muito agradável estar perto dele.

A professora do segundo ano escreveu: Ricardo é um aluno excelente e muito querido por seus colegas, mas tem estado preocupado com sua mãe que está com uma doença grave e desenganada pelos médicos. A vida em seu lar deve estar sendo muito difícil.

Da professora do terceiro ano constava a anotação seguinte: a morte de sua mãe foi um golpe muito duro para Ricardo. Ele procura fazer o melhor, mas seu pai não tem nenhum interesse e logo sua vida será prejudicada se ninguém tomar providências para ajudá-lo.

A professora do quarto ano escreveu: Ricardo anda muito distraído e não mostra interesse algum pelos estudos. Tem poucos amigos e muitas vezes ele dorme na sala de aula.

A Sra. Tereza se deu conta do problema e ficou terrivelmente envergonhada. Sentiu-se ainda pior quando se lembrou dos presentes de Natal que os alunos lhe haviam dado, envoltos em papéis coloridos, exceto o de Ricardo, que estava enrolado num papel marrom de supermercado.

Lembra-se de que abriu o pacote com tristeza, enquanto os outros garotos riam ao ver uma pulseira faltando algumas pedras e um vidro de perfume pela metade.

Apesar das piadas ela disse que o presente era precioso e pôs a pulseira no braço e um pouco de perfume sobre a mão. Naquela ocasião Ricardo ficou um pouco mais de tempo na escola do que o de costume. Lembrou-se ainda, que Ricardo lhe disse que ela estava cheirosa como sua mãe.

Naquele dia, depois que todos se foram, a professora Tereza chorou por longo tempo...

Em seguida, decidiu-se a mudar sua maneira de ensinar e passou a dar mais atenção aos seus alunos, especialmente a Ricardo.

Com o passar do tempo ela notou que o garoto só melhorava. E quanto mais ela lhe dava carinho e atenção, mais ele se animava.

Ao finalizar o ano letivo, Ricardo saiu como o melhor da classe. Um ano mais tarde a Sra. Tereza recebeu uma notícia em que Ricardo lhe dizia que ela era a melhor professora que teve na vida.

Seis anos depois, recebeu outra carta de Ricardo contando que havia concluído o segundo grau e que ela continuava sendo a melhor professora que tivera. As

notícias se repetiram até que um dia ela recebeu uma carta assinada pelo Dr. Ricardo Stoddard, seu antigo aluno, mais conhecido como Ricardo.

Mas a história não terminou aqui. A Sra. Tereza recebeu outra carta, em que o Dr. Ricardo a convidava para seu casamento e noticiava a morte de seu pai.

Ela aceitou o convite e no dia do casamento estava usando a pulseira que ganhou de Ricardo anos antes, e também o perfume. Quando os dois se encontraram, abraçaram-se por longo tempo e Ricardo lhe disse ao ouvido: obrigado por acreditar em mim e me fazer sentir importante, demonstrando-me que posso fazer a diferença.

Mas ela, com os olhos banhados em pranto sussurrou baixinho: você está enganado! Foi você que me ensinou que eu podia fazer a diferença, afinal eu não sabia ensinar até que o conheci.

Mais do que ensinar a ler e escrever, explicar matemática e outras matérias, ou talvez der um retorno, é preciso ouvir os apelos silenciosos que ecoam na alma do aprendiz.

Mais do que avaliar provas, posturas, e dar notas, é importante ensinar com amor mostrando que sempre é possível fazer a diferença.

23 - HONESTIDADE

Estava ali, na poltrona 13 do ônibus que faz a rota Friburgo - Rio. Um celular esquecido pelo passageiro. Entre a poltrona e o vidro, havia algo mais. O motorista Joilson Chagas, de 31 anos, abriu o “pacote rústico” e tomou um susto. Nunca tinha visto tanto dinheiro junto: R\$ 74.800,00. Não passou aos superiores. “É tentador. Nessa hora, nem nos colegas a gente confia.” Por sorte ou destino, Joilson conseguiu devolver tudo ao dono. “O dinheiro não era meu. É bom ficar com o que é nosso.”

Joilson levou o dinheiro de volta a Friburgo. Ao chegar ao ponto final, na Ponte da Saudade, avistou um senhor humilde chorando na porta da padaria. “Perdi um celular”, dizia ele, “deve ter sido no centro do Rio.” Joilson perguntou: “O celular é este?”. O senhor, um agricultor de 80 anos, emocionou-se: “É esse mesmo. Não tinha mais nada no ônibus?”. Joilson disse que ele precisava explicar direitinho o que perdera. E ele falou: “Eram R\$ 74.800 para pagar o transplante de minha filha, que não é coberto pelo SUS”. Joilson entregou o pacote e não aceitou recompensa. “O dinheiro estava contado para a cirurgia e para a passagem. Eu não podia aceitar nada”, ele me disse. “Também sou pai de família.”

A história de Joilson aconteceu no dia 19 de abril e correu mundo. No Facebook, ele recebeu mensagens da Holanda, da Espanha, dos Estados Unidos, do Japão. Foi a programas de televisão. Ganhou plaqueta da empresa elogiando seu ato. Foi homenageado na semana passada no Palácio Guanabara, do governo do Estado. Recebeu cartas de alunos da 2ª à 5ª série de uma escola do Rio, dizendo: “Motorista, foi lindo o que você fez você foi meu herói”. Num dos envelopes, havia R\$ 2 e um bilhete: “Desculpe não dar mais, era o que eu tinha no bolso”. Joilson treme a voz. Quer encontrar e beijar essas crianças. “O que eu fiz era para ser uma coisa normal. O ser humano é repleto de valores, mas não põe em prática.”

Ele começou a dirigir em transportadora quando tinha 18 anos. Concluiu o segundo grau. É casado, seu filho Gabriel tem 14 anos e sua mulher está grávida de cinco meses, de outro menino. Nas enxurradas em Friburgo, Joilson perdeu a casa, os móveis, e mora de favor na casa da irmã. A escola onde sua mulher era professora também foi levada pelas águas. Agora, ela costura. Joilson constrói uma nova casa. Trabalha 16 horas por dia como motorista, faz duas viagens de ida e volta no ônibus da Viação 1001, tem uma folga por semana. “Cai na segunda ou na terça.” O primeiro ônibus sai às 5h30 de Friburgo. Ganha R\$ 1.000 líquidos por mês, mas paga R\$ 500 ao pedreiro que ergue sua “casinha”. Joilson faz biscates de pintura: “A necessidade faz o sapo pular”.

Seu único bem hoje é uma “motinha”. Mas ele confia que “Deus está abrindo portas” e se preocupa com muita gente em Friburgo ainda abandonada em abrigos. Seu sonho é ter negócio próprio. Uma loja de autopeças. “Sempre vesti a camisa das empresas em que trabalhei, mas queria ter uma lojinha.” Depois da enchente, a empresa deu a ele “uma cama de solteiro para o filho, um guarda-roupa de três portas e um sofazinho”. Joilson gosta de diminutivos. Porque a vida sempre correu assim. Da casa para o trabalho, a estrada, os engarrafamentos, a paciência com passageiros mais estressados. A igreja e a beira do rio, onde pesca de anzol. “Meu lazer é ver televisão com a família comendo uma pipoquinha.”

A atitude de Joilson não lhe rendeu só alegria. Quando descansava no dormitório da empresa, alguns colegas jogaram seu crachá no vaso sanitário e escreveram na parede do banheiro “Chagas otário”. “Chamaram-me ainda de babaca, palhaço, bajulador. Meu filho virou motivo de chacota no colégio. Mas não teve vergonha, sentiu orgulho de mim. A gente vive num mundo estranho. Perderam os valores”.

Eu queria que Joilson pudesse estar na lista da ÉPOCA desta semana dos 40 brasileiros com menos de 40 anos que representam o futuro do país. “Educação

hoje é uma coisa rara. Mas é tudo na vida. Tento passar para o meu filho. Fazer o bem faz bem. Acho que eu servi de exemplo para, muita gente.” (Ruth Aquino - Revista ÉPOCA).

24 - IRMANDADE E FRATERNIDADE

Soldado Escoteiro Desconhecido.

Em 1951, o Sr. Mishima, chefe escoteiro da Associação Escoteira do Japão, estava assistindo a uma Conferência Mundial Escoteira realizada nos Estados Unidos. Durante a conferência, pôde visitar o Escritório Central Nacional, onde lhe narraram a seguinte história:

Esta é uma história verdadeira da Guerra do Pacífico, na selva de uma ilha do Oceano Pacífico Sul, um pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Um soldado americano ferido, caído sobre a terra, escutou os passos de alguém vindo em sua direção. Ao abrir os olhos, viu um soldado japonês correr em sua direção com uma baioneta. O soldado americano, incapaz de mover-se devido aos seus ferimentos e já se considerando um homem morto, desmaiou.

Passado algum tempo, o soldado acordou e viu que o soldado japonês havia ido embora. Perto dele, um pequeno papel chamou sua atenção: ele o pegou e o guardou. Depois de ser resgatado e já descansando em um hospital, lembrou-se daquele papel e o entregou ao médico solicitando uma tradução. Isto era o que estava escrito:

Eu sou o soldado japonês que tentou matar-lhe com a baioneta. Antes de desmaiar, você me fez a saudação escoteira. Lembrei que também já fui um escoteiro quando era jovem. Como os escoteiros são irmãos e é imperdoável matar um soldado ferido, fiz-lhe os primeiros socorros. Boa sorte.

O soldado americano finalmente voltou à casa e, com o seu pai, visitou a BSA (Boy Scouts of America) e narrou a história.

Sr. Mishima voltou ao Japão e tratou de localizar este soldado japonês, mas não conseguiu. O mais provável é que tenha falecido em combate.

Esta história foi contada durante muito tempo e, hoje, há um monumento em homenagem ao Escoteiro Desconhecido no Japão, perto de Yokohama, Kanagwa.

25 – CUMPRIMENTO DO DEVER

O Escoteiro que fugiu de Auschwitz.

A Segunda Guerra mundial sempre será lembrada, entre outras coisas, pelos crimes cometidos nos campos de concentração instalados pelos nazistas. No total, seis milhões de pessoas morreram nestes campos de extermínio. No meio de toda a barbárie que uma guerra pode trazer, também encontramos histórias de amizade, de coragem, de valor, como visto no artigo sobre o Soldado Escoteiro Desconhecido. A história que vocês irão ler abaixo é uma delas. Somente 144 prisioneiros conseguiram fugir do campo de concentração de Auschwitz. O escoteiro Kazimierz Piechowski foi um deles.

A história:

No dia 20 junho de 1942, o guarda da SS, que fazia a vigia da saída do campo, estava assustado. Na sua frente se encontrava o carro de Rudolf Höss, seu comandante. No interior, havia quatro homens da SS e um deles (um subtenente) lhe gritava: *abra logo esse portão ou vou abrir você!* Aterrorizado, o guarda levantou a barreira, permitindo que o carro saísse e se afastasse a toda velocidade.

Mas se o guarda tivesse olhado um pouco mais de perto, teria notado que os homens no interior daquele veículo estavam suando e seus rostos estavam escurecidos pelo medo. Longe de serem nazistas, aqueles homens eram prisioneiros poloneses com uniformes roubados, que acabavam de protagonizar umas das fugas mais audazes da história de Auschwitz. O subtenente mandão, que gostava de gritar, era, em realidade, o Escoteiro Kazimierz Piechowski e o lema “Sempre Alerta” se converteu em seu salva-vidas.

Kazimierz Piechowski tem hoje 91 anos e a Associação Escoteira Britânica lhe fez uma homenagem recentemente.

Quase 70 anos depois, o preso 918 é o protagonista de um ato celebrado na Baden-Powell House, em Londres. Impecavelmente vestido, com as costas retas como as de um adolescente, recebe o lenço comemorativo e escuta uma canção que fala sobre sua fuga do campo de concentração. Depois das canções e felicitações, Kazik, como gosta de ser chamado, começa a contar histórias que poucas pessoas haviam escutado. Como, por exemplo, o fato de que durante a

ocupação nazista, os escoteiros eram assassinados nas ruas ou enviados aos campos de concentração.

Quando começou a ocupação alemã na Polônia em 1939, o movimento escoteiro foi considerado pelos invasores como um símbolo de nacionalismo polonês e um forte candidato a formar parte da resistência.

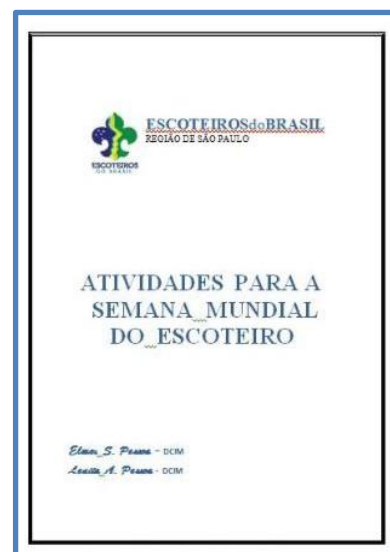
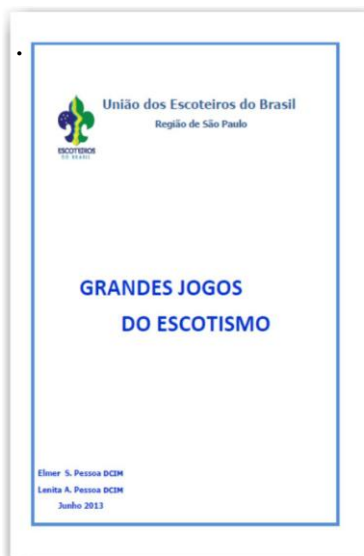
Quatro dias depois de declararem a guerra, os alemães chegaram a minha cidade e começaram a atirar contra os escoteiros. Eu sabia que cedo ou tarde me matariam, então decidi fugir.

Kazik tentou escapar através da fronteira húngara, mas foi capturado e, depois de passar por várias prisões, foi mandado para Auschwitz. Lá ele foi obrigado a trabalhar durante 12 a 15 horas diárias para ampliar o campo de concentração, que não era grande o suficiente para receber os milhares de prisioneiros que chegavam. Também teve que trabalhar recolhendo cadáveres de seus companheiros executados.

Às vezes eram 20 por dia. As vezes eram 100. Às vezes eram mais. Homens, mulheres e crianças. Seu olhar transparece raiva e ele repete: ...e crianças.

Kazik, depois de um elaborado plano, conseguiu fugir do campo de concentração junto a seus companheiros. Ele escreveu dois livros contando suas experiências e trabalha para que ninguém esqueça o que aconteceu em Auschwitz.

O senhor não se importa em reviver seu passado? Sou um Escoteiro! Tenho que cumprir com meu dever e estar alegre e feliz. Serei um escoteiro até o final de minha vida!



Conhecem estes manuais?

Serão de grande utilidade

a todos que atuam como

Escotistas ou Dirigentes



Valores podem ser definidos como o conjunto de regras sociais que determinam comportamentos desejáveis em um ser humano, em dado lugar e época, transmitidos de pessoa a pessoa. Moral é o conjunto de regras sociais que determinam comportamentos desejáveis em um ser humano, em dado lugar e época, transmitidos de pessoa a pessoa. A moral é construída no grupo social de acordo com aquilo que o grupo considera importante: os Valores, que podem referir se não apenas a bens materiais, mas também – e este é o foco deste módulo – a formas de ser e agir consideradas pelo grupo como promotoras da boa convivência.

(Manual do Curso Básico de Dirigente – UEB)

DOIS LIVROS ESCRITOS ESPECIALMENTE PARA ESCOTISTAS E DIRIGENTES:



Promessa Escoteira

Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para;
Cumprir os meus deveres para com Deus e minha Pátria;
Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião;
Obedecer a Lei Escoteira!

Lei Escoteira

- 01 - O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a própria vida.*
- 02 - O Escoteiro é leal.*
- 03 - O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.*
- 04 - O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.*
- 05 - O Escoteiro é cortês.*
- 06 - O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.*
- 07 - O Escoteiro é obediente e disciplinado*
- 08 - O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.*
- 09 - O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.*
- 10 - O Escoteiro é limpo de corpo e alma.*

Existem duas formas de você cumprir uma tarefa:

- a) - Fazê-la por obrigação, como se fosse um castigo recebido, ou
- b) - Fazê-la como faz o Escoteiro: com um sorriso nos lábios e amor no coração! esp

VALORES MORAIS CONTIDOS NA PROMESSA E NA LEI ESCOTEIRA



Nosso objetivo é fornecer aos Escotistas uma coleção de pequenas histórias, reunindo textos de diversos autores, para que pudessem entreter, alegrar, motivar e, sobretudo, servir de exemplo aos nossos jovens e adultos.

Elmer de Souza Pessoa
Lenita de Abreu Pessoa

"Viver como Escoteiro é crescer como indivíduo"! esp